

Especial

Em comemoração ao Dia da Consciência Negra, a Revista do Correio traz histórias de luta e superação. Na moda, na gastronomia, na arte, contamos a trajetória de figuras que crescem a cada dia no Distrito Federal

Vidas além da resistência

POR EDUARDO FERNANDES

Entre a resiliência e o choro, a luta para se manter são em uma sociedade que dissemina ódio por questões meramente raciais. Mais do que isso, tentar derrubar séculos de genocídio na tentativa de ser para os seus aquilo que, às vezes, não foram para você: uma referência, alguém que seja espelho para toda uma população. Em vários lugares do mundo, essas representatividades parecem inalcançáveis. Mas há quem tenha conseguido chegar ao topo, mesmo conhecendo o gosto amargo do fundo do poço.

Tantos desafios e dificuldades, batalhas que parecem não ter fim. Carregar nos ombros o peso de ser exemplo é uma honra para quem sonha em levar a autoestima de todo um povo. Lá atrás, tantos nomes podem ser citados, como Malcom X, Nelson Mandela, Viola Davis e muitos outros. Indivíduos que sonhavam com um mundo igualitário, cercado de direitos diplomáticos e políticos. No Brasil, muito antes, houve aqueles que viraram até data comemorativa, como Zumbi dos Palmares.

O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra foi formalizado em 2003 e, no ano passado, com a Lei nº 14.759, passou a ser feriado nacional, sancionado pelo presidente Lula. “É uma data de enorme importância. Na verdade, não deveríamos ter apenas um Dia da Consciência Negra — ele deveria ser celebrado o ano inteiro, assim como o Dia dos Povos

Indígenas. Todo dia é dia de reconhecer e celebrar a identidade negra e indígena no Brasil”, afirma o professor de história do Ceub Edson Violim..

Essa data, ao longo dos anos, ganhou mais força e significado. Para o professor, a influência da cultura africana em nível nacional é imensa, embora alguns setores da sociedade resistam a admitir. Ela está presente na culinária, na música e no esporte, por exemplo. “É bom lembrar que o nosso maior ídolo esportivo, o grande Pelé, era negro. Além disso, nosso jeito de ser, enquanto brasileiros, não foi majoritariamente influenciado pela Europa, mas sim pela África”, ressalta Edson Violim.

Além disso, o Dia da Consciência Negra é um lembrete — infelizmente esquecido, muitas das vezes — de que o racismo é uma luta incessante, de toda a sociedade. “Cabe a nós, brasileiros, combatê-los”, completa o professor. O Brasil, lembra ele, foi o país das Américas que mais recebeu africanos escravizados, com milhões de pessoas que vieram, sofreram e foram vendidas como mercadoria, enriquecendo uma parcela da elite brasileira.

Esse flagelo histórico será, para sempre, uma marca jamais esquecida. Mas, da lamúria e das mazelas que advêm essas cicatrizes, as flores surgem para continuar pavimentando o caminho daqueles que ainda nem chegaram a nascer. Em Brasília, da música até a moda, homens, jovens e mulheres carregam um sonho: elevar a autoestima da população negra.

Hoje, Carla acredita que pode ser uma referência para meninas e mulheres negras